

# COMUNIDADES EM TEMPO DE REDES\*

Cicilia Maria Krohling Peruzzo\*

## *Resumo*

Este estudo procura entender o que vem a ser comunidade nos dias atuais. Parte dos conceitos clássicos de comunidade, analisa o que são comunidades virtuais e os novos tipos de comunidades no contexto dos movimentos sociais. É baseado em pesquisa bibliográfica. Conclui que há alterações fundamentais nas dimensões conceituais de comunidade, como a noção de territorialidade geográfica, antes tida como um elemento central na configuração de uma comunidade e que nos dias atuais foi superada pelas novas possibilidades de interação através da CMC – Comunicação Mediatizada por Computadores. Contudo, vários aspectos constitutivos de comunidade trazidos pelos autores clássicos continuam tendo validade conceitual.

## **Introdução**

Neste breve estudo procuramos entender o que caracteriza uma comunidade no mundo atual, o que são comunidades virtuais e introduzir a noção de novos tipos de comunidades surgidas no contexto dos movimentos sociais. Partimos dos conceitos clássicos de comunidade para, a partir deles, tentar entender as alterações que os mesmos vem passando na sociedade contemporânea.

Todo o estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica. Não é nossa pretensão esgotar o assunto, nem considerar essa abordagem como pronta. Além das “comunidades” (concretas e virtuais) serem algo prenhe de grande densidade e complexidade teórica e histórica, passam por um momento de transformações surpreendentes, as quais ainda em processo de mudança de qualidade, não se adequam a estudos cabais e definitivos.

## **Aspectos Originários dos Conceitos de Comunidades**

Enquanto para alguns comunidade e seus conceitos eram coisa do passado, eis que eles ressurgem, recriados. No processo de transformação constante da sociedade, as comunidades tem se mantido vivas, outras se extinguem ou se revigoram, outras foram criadas. Ou seja, há toda uma

---

\* Publicado no livro “Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes?”, organizado por PERUZZO, C.M.K.; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002. p.275-298.

\* Doutora pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Autora do livro Comunicação nos movimentos populares – participação na construção da cidadania, editado pela Vozes.

dinâmica de criação e recriação de comunidades em processo correlato ao da globalização, que à primeira vista foi considerada como algo que iria acabar com as formas comunitárias de comunicação.

O termo comunidade passa a ser utilizado, nos anos recentes, em várias perspectivas e sem rigor conceitual. Tem servido para referenciar qualquer tipo de agregação social, por vezes, servindo mais como termo ou expressão decorativa visando chamar a atenção ou passar um “ar” de atualidade. Tem sido usado na tentativa de explicar fenômenos os mais diversos. Por vezes é empregado como sinônimo de sociedade, organização social, grupos sociais ou sistema social. É também utilizado para designar segmentos sociais como por exemplo, comunidade universitária, comunidade negra, comunidade religiosa, comunidade de informação, comunidade científica, comunidades dos artistas etc. Usa-se o termo comunidade, ainda, para caracterizar agrupamentos sociais situados em espaços geográficos de proporções limitadas<sup>1</sup> (bairro, vila, lugarejo) e para designar grupos de interesse afins, interconectados na rede mundial de computadores, chamados de “comunidades virtuais”, entre outros.

Se por um lado, o termo é utilizado demasiadamente de modo indistinto, por outro evidencia a existência atual de várias formas de agregação social que portam algumas características de perfil comunitário. É todo um *movimento* que se constrói a partir do local de moradia ou de outras identidades, sejam elas simbólicas, espirituais etc., que afloram simultaneamente ao processo de globalização.

As mudanças vividas na sociedade e que tem contribuído para constituir novas formas de organização social e de sociabilidades, alteram determinados paradigmas e indicam a necessidade de revisitar e repensar os conceitos de comunidade<sup>2</sup>. Por exemplo, a noção de territorialidade, enquanto uma das características centrais de comunidade, passa a não ter mais um valor universal.

Pensadores<sup>3</sup>, cujos estudos sobre comunidade, são tidos como clássicos, apontam, cada um à sua vez, características bastante rigorosas para que determinado agrupamento social seja tomado como “comunidade”, muito embora não haja consenso entre os cientistas sociais quanto à natureza de “comunidade”.

Falar em comunidade significa falar de fortes laços, de reciprocidades, de sentido coletivo dos relacionamentos.

Neste texto não pretendemos resgatar todos os conceitos nem abordar todos as contribuições teóricas, sejam dos clássicos ou dos autores recentes, Faremos apenas uma aproximação tentando trazer os aspectos fundamentais para a compreensão dos conceitos de comunidade.

Uma das grandes contribuições para o estudo de comunidade vem de Tönnies, que desvendou as distinções entre comunidade e sociedade. Ele<sup>4</sup> fala

---

<sup>1</sup> Em tese e não unicamente, pois fala-se até em “comunidade internacional”.

<sup>2</sup> Os conceitos de comunidade aqui desenvolvidos foram original e mais sinteticamente tratados pela autora em “Relações públicas com a comunidade: uma agenda para o século XXI”.

<sup>3</sup> Talcott Parsons, Robert A. Nisbet, W.J. Goode, Augusto Comte, E. C. Hughes, G.A. Hillery, Ferdinand Tönnies, Max Weber, Spencer, B. E Mercer etc.

<sup>4</sup> TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais, p.104.

que a “unidade e a possibilidade de uma comunidade das vontades humanas se apresentam imediata, nos laços de sangue; em segundo lugar, na proximidade espacial e, finalmente, para os homens, na aproximação espiritual”. Ou seja, ele compreende comunidade a partir dos laços de sangue (parentesco, família); de vizinhança (comunidade de lugar) e por afinidade espiritual (comunidades de espírito). Entre os elementos essenciais no processo comunitário para Tönnies<sup>5</sup> estão: vontade comum, compreensão, direito natural (fundamentado na igualdade entre os homens), língua e concórdia.

Entre as várias definições existentes, temos que: “Uma comunidade humana é um agregado de pessoas funcionalmente relacionadas que vivem numa determinada localização geográfica, em determinada época, partilham de uma cultura comum, estão inseridas numa estrutura social e revelam uma consciência de sua singularidade e identidade distinta como grupo

Em R. M. Maciver & C. Page<sup>6</sup> encontramos: Comunidade existe “onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos de tal modo que partilham, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum.(...) O que caracteriza comunidade é que a vida de alguém *pode* ser totalmente vivida dentro dela. Não se pode viver inteiramente dentro de uma empresa comercial ou de uma igreja; pode-se viver inteiramente dentro de uma tribo ou de uma cidade. O critério básico da comunidade, portanto, está em que todas as relações sociais de alguém podem ser encontradas dentro dela”.

Contudo, MacIver e Page alertam de que as comunidades não precisam ser auto-suficientes. Eles apontam como bases de uma comunidade: a) Localidade: uma comunidade ocupa sempre uma área territorial. Mesmo uma comunidade nômade, um bando de ciganos, por exemplo, tem uma habitação local, embora sujeita a mudança. A qualquer momento seus membros ocupam juntos um lugar definido na superfície da terra. Mas, em sua maioria, as comunidades são fixas e extraem das condições de sua localização um forte laço de solidariedade<sup>7</sup>. b) Sentimento de comunidade: existência de uma coesão social que dá um caráter de comunidade. Há a co-participação. A localidade, embora seja uma condição necessária, não é suficiente para criar uma comunidade. Comunidade “é uma área de vida em comum. Tem que haver vida em comum com a noção de que se compartilha tanto de um modo de vida quanto de terra comum”<sup>8</sup>.

Numa visão de conjunto<sup>9</sup>, partindo das definições acima e agregando outras dimensões de comunidade de outros pesquisadores<sup>10</sup>, podemos inferir

---

<sup>5</sup> Op.cit, p.102

<sup>6</sup> MACIVER, R.M. & PAGE, Charles. Comunidade e sociedade como níveis de organização social, p.122.

<sup>7</sup> Interessante que MacIver e Page já (em 1955) assinalam que esse laço territorial tem enfraquecido no mundo moderno em virtude de se estenderem os meios de comunicação.

<sup>8</sup> MACIVER, R.M. & PAGE, Charles. Op.cit. p.122-124.

<sup>9</sup> Os estudos clássicos mostram que houve uma evolução nos conceitos de comunidade. Os pensadores foram aperfeiçoando e acrescentando determinadas características, as quais apresentamos aqui de modo conjunto por uma questão didática. A idéia de participação, por exemplo, teria sido explicitada por Nisbet e Hillary.

que a existência de uma comunidade, a partir da visão dos clássicos, pressupõe a existência de determinadas condições básicas, tais como: a) um processo de vida em comum através de relacionamentos e interação intensos entre os seus membros; b) auto-suficiência (as relações sociais podem ser satisfeitas dentro da comunidade<sup>11</sup>); c) cultura comum; d) objetivos comuns; e) identidade natural e espontânea entre os interesses de seus membros; f) consciência de suas singularidades identificativas; g) sentimento de pertencimento; h) participação ativa de seus membros na vida da comunidade; i) locus territorial específico; j) linguagem comum<sup>12</sup>.

Embora o sentido de cada uma destas características seja altamente significativo para a caracterização de uma comunidade, diante das transformações na sociedade, tais conceitos, se aplicados de forma rígida, impediriam enxergar as novas configurações de comunidade na atualidade. Referimo-nos especialmente às noções de “territorialidade”, “auto-suficiência” e a uma “identidade” quase total, como era concebida. As características de comunidade encontradas nos clássicos configuram um tipo de comunidade tão perfeita, que torna-se difícil de ser encontrada na sociedade contemporânea, salvo em situações e lugares muito específicos.

Por outro lado, há que se levar em conta que as descobertas dos clássicos preservam grande validade até os dias atuais. Assim sendo, não há porque simplesmente desprezar seus conceitos sob uma justificativa apressada de estarem superados. Há nuances nos conceitos de comunidade que merecem ser recuperados e/ou atualizados. Ou seja, primeiro: comunidade não pode ser tomada como qualquer coisa, como um aglomerado, um bairro, grupo social, um segmento social<sup>13</sup> etc. Se não encontramos todas as características de comunidade acima referidas, pelo menos algumas delas devem estar presentes para que exista uma comunidade. Alguns elementos, tais como interação, participação, confluência em torno de interesses, algumas identidades, sentimento de pertença, caráter cooperativo, são imprescindíveis para que se caracteriza comunidade.

Também as “comunidades virtuais” necessitam de ter por base sentimentos de comunhão, confiança, compromisso, responsabilidade e objetivos comuns, conforme demonstra Suzana Finkelievich<sup>14</sup>.

Segundo: é recomendável que não tomemos os conceitos e os apliquemos por antecipação, mas que sejam espelhados na realidade empírica. Só assim há como “olhar” e “enxergar” quais tipos de comunidade existem ou estão em formação no Brasil, que podem ser tanto de tipos tradicionais

<sup>10</sup> Especialmente Tönnies, Nisbet e Hillary.

<sup>11</sup> Muito embora não seja condição excludente.

<sup>12</sup> Não necessariamente todas características devam aparecer simultaneamente em toda e qualquer comunidade.

<sup>13</sup> Não é porque se vive num mesmo bairro ou num condomínio que se forma uma comunidade. A dispersão entre as pessoas poder ser tal que nada de comunidade pode existir ali, apesar de haver proximidades.

<sup>14</sup> FINQUELIEVICH, Suzana. Comunidades eletrônicas – nuevos paradigmas de participación política local?, p.45-46.

(persistirem as de base territorial, por exemplo) ou de novos tipos, formadas a partir dos movimentos sociais e dos espaços virtuais, entre outros.

## Comunidades Virtuais

O avanço das tecnologias da informação e a correlata incorporação de meios técnicos de comunicação vem contribuindo para a ocorrência de um acelerado processo de mudanças no mundo atual. Entre elas alteram-se as noções de tempo e de espaço na vida social.

Desde o desenvolvimento das telecomunicações na segunda metade do século XIX, até as incorporações precedentes de tecnologias culminando com a digitalização dos sinais, foi se tornando possível uma reordenação das questões de espaço e de tempo.

O aparecimento das tecnologias de comunicação possibilitou a disponibilidade no espaço de formas simbólicas que antes dependiam de seu transporte físico. Ou seja, "o distanciamento espacial não mais implicava o distanciamento temporal. Informação e conteúdo simbólico podiam ser transmitidos para distâncias cada vez maiores num tempo<sup>15</sup> cada vez menor"(...). A disjunção entre espaço e o tempo preparou o caminho para uma outra transformação (...): *a descoberta da simultaneidade não espacial*<sup>16</sup>. A experiência da simultaneidade, em períodos históricos mais antigos, pressupunha que os eventos ocorressem "ao mesmo tempo", ou seja requeriam uma localização geográfica específica. Simultaneidade pressupunha localidade: "o mesmo tempo" exigia o "mesmo lugar"<sup>17</sup>.

O novo modo de comunicação ao transformar radicalmente as dimensões do espaço e do tempo, também possibilitou a vivência de eventos simultâneos, sem a necessidade de se estar num mesmo lugar. Estão nesse processo os mecanismos que aceleraram possibilidades de surgimento de novos tipos de comunidades ou a transformação de elementos básicos até o então exigidos para a caracterização de uma comunidade.

Estamos falando do surgimento das chamadas comunidades virtuais, especificamente da era do ciberespaço, cuja experiência vem alterando dimensões até então consideradas fundantes dos conceitos de comunidade. Ou seja, não há mais a necessidade de uma interação face a face, ou de se estar num mesmo território geográfico, para que se realize um processo comunitário.

Por outras palavras, a configuração de comunidade não precisa restringir-se a demarcações territoriais geográficas, podendo as pessoas estarem cultivando relacionamentos e compartilhando interesses, identidades

---

<sup>15</sup> Outra noção de mudança na dimensão temporal é explicada por CASTELLS (2000, v.1, p.397): "O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que o passado, presente e o futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. *O espaço de fluxos e o tempo intemporal* são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação histórica transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade".

<sup>16</sup> THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade, p.36.

<sup>17</sup> Op.cit., p.36-37.

etc. também através das ondas eletromagnéticas, do ciberespaço ou rede de computadores<sup>18</sup>.

Surgem assim as comunidades virtuais cujas relações se efetivam através da CMC - Comunicação Mediada por Computadores<sup>19</sup>.

Comunidades virtuais<sup>20</sup> são “agregações sociais que emergem na [Internet] quando um número de pessoas conduz discussões públicas por um tempo determinado, com suficiente sentimento humano para formar teias de relações humanas no ciberespaço”<sup>21</sup>.

Em J. Michalsk<sup>22</sup> encontramos a definição de comunidade na CMC como “um conjunto de relações sociais unidas por interesses comuns ou circunstâncias compartilhadas”. Nas palavras de André Lemos<sup>23</sup> as “comunidades virtuais se agregam em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”<sup>24</sup>.

Estaremos entendendo aqui, virtual no sentido filosófico, ou seja, “aquilo que existe apenas em potência e não em ato”<sup>25</sup>. (...) O virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. (...) É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”<sup>26</sup>.

Assim as comunidades virtuais vão se caracterizando pelo relacionamento, essencialmente, porém não exclusivamente, através de redes de computadores, ou da CMC - Comunicação Mediatizada por Computadores, conforme expressão utilizada internacionalmente, e sem limites de espaço e de tempo, podendo as pessoas estarem conectadas desde o local de existência, no âmbito do território nacional ou abranger diferentes países. Agregam-se ainda as dimensões de partilha de interesses comuns, de sentimento de pertença e de aceitação mútua de regras<sup>27</sup> e de linguagens<sup>28</sup>.

<sup>18</sup> BBS, Minitel (introduzido na França em 1984), Internet (desdobramento da ARPANET norte-americana) e outras formas de videotexto (Prestel na Grã-Bretanha e Alemanha, o Captain no Japão).

<sup>19</sup> A vida virtual começa na metade dos anos 90, do século passado, com os primeiros usos do correio eletrônico (GALINDO CÁCERES, 2000, p.97).

<sup>20</sup> Tradução nossa. Ver também do mesmo autor: *The virtual community* (1993).

<sup>21</sup> RHEINGOLD, Howard. *Les communautés virtuelles*, p.4.

<sup>22</sup> What is a virtual community? (After the media class). *New Perspectives Quarterly*, Spring, 1995. v.12, n.2. Apud FINQUELIEVICH, S. *Comunidades eletrônicas – nuevos paradigmas de participación política local?*, p.45.

<sup>23</sup> LEMOS, André. *Ciber-sociabilidade – tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 6.

<sup>24</sup> O autor fala na existência de um “território simbólico”, em contraposição ao “território geográfico” na mesma linha de Marcos PALÁCIOS (s/d, p.12)

<sup>25</sup> “A árvore está virtualmente presente no grão. (...) Assim a presença da árvore é bastante real (sem que esteja, ainda, atual)”. Cf. LEVY, Michel. *Cibercultura*, p. p.47.

<sup>26</sup> LEVY, Michel. *Cibercultura*, p.47. Ver também CASTELLS, M. *A sociedade em rede*, p.395.

<sup>27</sup> Os grupos da CMC criam seus códigos de comportamento e convívio na rede, Por exemplo: não usar palavrões e expressões agressivas ou preconceituosas, evitar conversas privadas, usar mensagens curtas etc.

Suzana Finqueliech<sup>29</sup> reportando-se a estudos de Jerry Michaski<sup>30</sup> comenta que em comunidades virtuais o sentimento de comunhão nem sempre acontece. No entanto, a comunhão com outros membros do grupo on-line implica em sentimentos de confiança e compromisso, os quais são importante fator de coesão: o sentir-se conectado e pertencente a um grupo.

A abordagem de Jesus Galindo Cáceres em “Construcción de una comunidad virtual”<sup>31</sup>, nos lembra que as chamadas comunidades virtuais, são de fato *redes*, “que se dão conta de que existem, se propõem certos objetivos e propósitos e se organizam para levá-los a cabo”.

No caso específico de redes do ciberespaço, elas podem vir a se constituir em comunidades virtuais, pois nem todas as redes virtuais formam comunidades. Do nosso ponto de vista não é conceitualmente correto chamar de comunidade virtual toda e qualquer forma de agregação eletrônica. Muitas delas se constituem apenas como redes de contatos ou grupos de interesse sem chegar a constituírem-se em comunidades.

Tais redes de contatos talvez melhor se adequaria na perspectiva de “tribos” urbanas de Michel Maffesoli<sup>32</sup>, caracterizadas pela fluidez, ajuntamentos pontuais e pela dispersão<sup>33</sup>. Diz textualmente Maffesoli<sup>34</sup>: “o indivíduo não é mais uma entidade estável provida de identidade intangível e capaz de fazer sua própria história, antes de se associar com outros indivíduos, autônomos, para fazer a História do mundo. Movido por uma pulsão gregária é, também, o protagonista de uma ambiência afetual que o faz aderir, *participar* magicamente desses pequenos conjuntos escorregadios que propus chamar de tribos”.

Parece-nos que tal conceito de tribo não é adequado para entender comunidade, nem consegue dar conta da multiplicidade de “tribos” que fazem parte da realidade social. Não é nosso propósito discutir a questão das “tribos” neste trabalho, apenas queremos ressaltar que nem todas as tribos são portadoras de caráter efêmero e disperso, haja vista as tribos urbanas, grandemente unidas por laços de identidades. Tais conceitos provavelmente fazem mais sentido se entendidos numa perspectiva dos relacionamentos dos indivíduos na cidade, vista numa perspectiva ampla e multifacetária.

Voltando a questão das redes eletrônicas, Segundo Suzana Finquelievich<sup>35</sup>, referindo-se a estudos de Barry Wellman e Janet Salaff, apresenta três tipos de redes: a) redes nas quais as pessoas querem se

<sup>28</sup> Sistemas próprios de símbolos, expressões, abreviações de palavras etc. Por outro lado, alguns vem com linguagem na Internet uma forma de retorno ao esforço texto escrito, outras a vem como uma nova forma de “oralidade” trazida pela espontaneidade, informalidade, anonimato.

<sup>29</sup> Op.cit., p.45.

<sup>30</sup> What is a virtual community? (after the media class), New Perspectives Quarterly, Spring, v.12, n.2, 1995.

<sup>31</sup> Construcción de una comunidad virtual, p.94.

<sup>32</sup> A transfiguração do político, p.176.

<sup>33</sup> Esta visão é contrária da visão clássica de tribo que a caracteriza como organização social que inclui vários grupos locais (aldeias, bandos, distritos ou linhagens), um território, língua e cultura comuns. À tribo corresponde elementos como solidariedade e estabilidade social (Dicionário de Sociologia, 1986).

<sup>34</sup> Op.cit , p.18.

<sup>35</sup> Op.cit, p.46.

relacionar em nível global com “almas gêmeas” para obter companheirismo, erotismo, espaços lúdicos, informação e apoio social. b) Empregados de alguma instituição que desejam estabelecer uma forma de trabalho cooperativo, com apoio de computadores, sem as dificuldades de distâncias geográficas ou deslocamentos. c) Organizações que incrementam redes de trabalho a distância como forma de reduzir custos e administração, espaços dos escritórios e tempos de viagens. A autora acrescenta um quarto tipo: as organizações comunitárias ou intermediárias, que obtêm informações, dão a conhecer seu trabalho e adquirem força social por meio de redes informatizadas, fundamentalmente a autopista eletrônica ou Internet.

Há também redes de base acadêmica, como as que nos mostra Galindo Cáceres<sup>36</sup>, do México: trata-se da Rede de Comunicação Complexa, uma rede sistemática de cosmovisão, que tornou-se uma rede de redes, pois agrega grupos com perfis específicos, tais como redes institucionais, de grupos de interesse e de grupos temáticos<sup>37</sup>.

Já Fernando Mires<sup>38</sup> fala em dois tipos de redes: a) redes de identificação (aquelas que contraem unidades associativas de atores que descobrem uma identidade comum ou de semelhança. b) Redes de cooperação: atores que não podem se identificar mutuamente, mas que, sem dúvida “descobrem” que é possível estabelecer ações comuns em torno de objetivos concretos e pontuais.

Pelas diferentes formas de classificação e que certamente não esgotam todos tipos existentes, pode-se apreender uma rica multiplicidade de redes virtuais, ainda em processo constitutivo, o que dificulta uma leitura cabal e completa.

Para uma rede configurar-se enquanto uma comunidade virtual há necessidade de portar características que condizem com os conceitos de comunidade, o que descartaria aquelas de relacionamentos ocasionais, dispersos e de pouca organicidade.

## Comunidades na Perspectiva dos Movimentos Sociais

Embora o individualismo seja uma das marcas da sociedade contemporânea, há também uma tendência à agregação e à participação social. Embora os processos de globalização sejam implacáveis, simultaneamente geram-se processos de valorização do local e do comunitarismo.

Nossa sociedade é plural e contraditória. Ao mesmo tempo em que há *movimentos* que favorecem a reprodução de valores egoísticos e de isolamento pessoal, estes também acabam por gerar o seu contrário.

Numa passagem de Michel Maffesoli, já citada neste texto, o autor refere-se a processos numa “pulsão gregária” do ser humano. Manuel Castells<sup>39</sup>,

<sup>36</sup> Op.cit, p.95-96.

<sup>37</sup> Tradução nossa.

<sup>38</sup> Comunicación: entre la globalización y la glocalización. La sociedad de redes. P.5.

<sup>39</sup> A sociedade em rede. v.2,p.79.

concordando com autores comunitaristas, fala que “as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal”. Nosso estudo sobre movimentos populares no Brasil<sup>40</sup> já evidenciou toda uma dinâmica de constituição de experiências participativas na comunicação pela ampliação dos direitos de cidadania. Raquel Paiva<sup>41</sup> chega a perceber um amplo movimento social de construção de um “espírito comum”; comunitário, que, em contraponto ao mercado e ao movimento avassalador da indústria cultural no processo de globalização.

Entre as várias formas de agregação, estão aquelas de caráter comunitário, na perspectiva do resgate dos valores humanitários e de construção de uma sociedade solidária. Neste sentido existem múltiplas formas de agregação: desde comunidades territoriais, grupos de ajuda mútua, associações, redes de movimentos sociais, cooperativas, até as comunidades religiosas, grupos étnicos, entre milhares de outras. Isso para falar apenas do universo dos movimentos sociais, das ONGs - Organizações não Governamentais, de segmentos progressistas das Igrejas e de outras organizações do terceiro setor, que visível e claramente compartilham identidades no tocante aos valores acima referidos. Muito embora, o fenômeno de uma “preocupação” ou até um compromisso com a ampliação dos direitos de cidadania das maiorias excluídas tem perpassado amplos segmentos da sociedade brasileira.

A realidade brasileira, para além daquilo que preenche, majoritariamente, os espaços cotidianos dos noticiários das emissoras de rádio e de televisão e dos jornais, testemunha diferentes experiências de uma sociedade em ação pela recuperação da dignidade de vida dos setores marginalizados. Tudo isso em meio a todas as contradições sociais cujo quadro se revela assustador, como por exemplo a pobreza, a violência, o desemprego, a corrupção etc.

Neste sentido vão se desenvolvendo elementos de uma nova cultura política, na qual passa a existir uma busca pela justiça social e participação dos cidadãos. Neste universo se desenvolvem práticas coletivas de organização e mobilização popular, o que demonstra a existência de uma série de dinâmicas que se aproximam das características apontados pelos clássicos como inerentes a uma comunidade.

Características inovadoras de comunidade que podem ser percebidas são: a passagem de ações individualistas para ações de interesse coletivo, desenvolvimento de processos de interação, a confluência em torno de ações tendo em vista *alguns* objetivos comuns, constituição de identidades culturais em torno do desenvolvimento de aptidões associativas em prol do interesse público, participação popular ativa e direta e, maior conscientização das pessoas sobre a realidade em que estão inseridas. Inclui-se entre essas

---

<sup>40</sup> Comunicação nos movimentos populares – a participação na construção da cidadania. 2ª.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>41</sup> O espírito comum – comunidade mídia e globalismo (1998).

inovações a utilização das redes de computadores, ou o ciberespaço, como um dos ambientes nos quais podem se desenvolver seus processos de interação e de comunicação. Elas, não todas obviamente, incluem-se como comunidades virtuais, embora sua ação não se resume na virtualidade, mas perpassa o mundo concreto e das práticas cotidianas.

Neste âmbito comunidades se formam, fundamentalmente, englobando os segmentos das classes pobres, tendo por base os locais de moradia e as problemáticas específicas de segmentos da população em torno do acesso a bens de consumo coletivo. As pessoas se articulam através de movimentos que em geral evoluem para organizações mais sólidas e duradouras, cujas ações em torno de problemas e reivindicações, que dizem respeito a um significativo contingente humano, acabam por contribuir para a geração de identidades e interesses comuns.

Concordamos com Manuel Castells<sup>42</sup> quanto às formas e origens de construção de identidades: a) Identidade legitimadora: ligada a instituições dominantes atreladas ao *status quo*. b) identidade de resistência: constituída por atores sociais em posições/condições desvantajosas e/ou estigmatizadas na escala social. c) Identidade de projeto: quanto os atores sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e a buscar a transformação da estrutura da sociedade.

Tomando-se por base esses níveis originários de formação de identidades, percebe-se que as comunidades em nível dos movimentos populares se circunscrevem no segundo tipo de identidade e podendo perpassar para o terceiro, pois quando ultrapassam os interesses tópicos e imediatistas, passam a ter como meta a transformação das estruturas opressoras.

Entre os vários tipos de movimentos sociais<sup>43</sup>, aqueles que desenvolvem uma práxis comunitária, tais como os que participam do desenvolvimento local (infra-estrutura, ambiente auto-sustentável etc.) e aqueles voltados para a solidariedade e sobrevivência coletivas (ajuda mútua - cozinhas comunitárias, por exemplo) tem como metas principais, em última instância, o acesso a bens ou serviços coletivos que lhe garantam melhores condições de existência e participação política na futura das políticas públicas no campo social e da própria sociedade<sup>44</sup>.

## Comunidade hoje

---

<sup>42</sup> Op.cit., p.24.

<sup>43</sup> Existe um outro tipo de movimento social que não se inclui neste tipo de abordagem, aquele formado a partir de segmentos de acentuada baixa renda, caracterizado mais como gangues, cuja “perspectiva do fim da própria existência é uma constante, embora não seja uma cultura de negação, mas de celebração da vida. Assim, tudo tem que ser experimentado, sentido, vivenciado, conquistado, antes que seja tarde demais, pois não existe amanhã” (CASTELLS, 2000, v.2, p.82-83.).

<sup>44</sup> Ver PERUZZO (1998).

A partir das aproximações teóricas realizadas, do nosso ponto de vista, uma parte das características atribuídas às comunidades tradicionais, elencadas pelos clássicos, continuam a fazer sentido na atualidade. A mudança mais significativa refere-se à territorialidade geográfica, a qual deixa de existir enquanto dimensão fundamental na constituição de comunidades.

Como diz Marcos Palácios<sup>45</sup> “o sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, desencaixa-se da localização: é possível pertencer a distancia. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outra (a distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas”.

Outras alterações dizem respeito às dimensões de objetivos e cultura comuns, de auto-suficiência e de uma vida em comum em proporções altamente acentuadas, de mais remota possibilidade de serem vividas nas comunidades contemporâneas.

Em suma, uma comunidade nos dias de hoje, e de uma maneira global, caracteriza-se por uma série de características, nem todas encontradas simultaneamente em toda e qualquer comunidade, a saber:

- a) Participação: a pessoa participa direta e ativamente da vida da comunidade. É sujeito. Em alguns casos a participação chega a ser exercitada na partilha do poder de decisão.
- b) Sentimento de pertença. É sentir-me membro, parte importante do processo e como tal contribuir para a coesão interna.
- c) Caráter cooperativo e de compromisso.
- d) Confiança, aceitação de princípios e regras comuns e senso de responsabilidade pelo conjunto.
- e) Identidades: não apenas no sentido de “natural e espontaneamente” como está em Tönnies, mas que podem advir de um universo simbólico e/ou ideológico comum ou das condições de existência em comum.
- f) Reconhecer-se como comunidade.
- g) Alguns objetivos e interesses comuns. Na sociedade contemporânea não se identifica uma comunidade em que *todos* os objetivos de seus membros sejam em comum a todos. Mas, alguns objetivos em comum são passíveis de existir, principalmente aqueles que constituem a razão de ser da comunidade.
- h) Alguns tipos de comunidades são voltados para o bem-estar social e ampliação da cidadania. São portadores de algo em comum: igualdade e justiça social. Há, neste sentido, movimentos em torno da construção de um projeto novo de sociedade.
- i) Interação: através de sistema intenso de comunicação e de troca entre os membros.
- j) Com ou sem lócus territorial específico. Ao mesmo tempo em que existem as comunidades virtuais, persistem aquelas de base territorial.
- l) Possui uma linguagem comum.

---

<sup>45</sup> O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos, p. 7

Como se vê, várias dimensões consagradas como características de comunidade, continuam a figurar como importantes na era das comunidades virtuais, desde que, é claro, não entendamos por comunidade qualquer tipo de rede, mas aqueles que se traduzem em posturas de cunho coletivo e profundos laços..

A virtualidade no mundo das comunidades passa a ser um modo de existência, um modo de relação, aquele desterritorializado geograficamente, mas não uma forma única e independente de existência, pois é unida em torno de especificidades concretas e com vínculos que extrapolam o espaço virtual<sup>46</sup>. As relações, no caso das redes de interesses sociais, perpassam o simbólico e se conectam à vida cotidiana. Essa conexão se dá conforme os propósitos que dão feição à comunidade virtual, seja de investigação científica, de uma escola de samba, um movimento político, um movimento ecológico e assim por diante.

Como exemplo podemos citar um estudo realizado sobre uma comunidade virtual ligada ao carnaval carioca<sup>47</sup>, no qual se observa que “a identidade virtual é uma extensão da identidade anterior de ‘militante’ ou torcedor do mundo do samba, que conhece e ‘vive nele o ano inteiro’ – não havendo interesse ou estímulo à experiência do anonimato ou mesmo de elaborações identitárias alternativas à da vida real. (...) A importância da experiência ‘in loco’, fica clara, por exemplo, nos comentários altamente sutis e sofisticados sobre os elementos das escolas – enredo, fantasias, ritmo da bateria, entre outros – que demonstram a familiaridade dos participantes com todo este universo. Opinião baseada antes de tudo na observação ‘de dentro’, da quadra da Escola, no barracão e no desfile(...)”<sup>48</sup>.

Assim sendo, as ações das redes sociais de cunho comunitário não se esgotam no ambiente do ciberespaço. Elas advêm de uma prática na realidade concreta e a ela retornam. É a partir dela que se forma a partilha, a troca de conhecimentos e a confluência de interesses comuns.

## Considerações finais

O viver em comunidade é algo que perpassa a história da humanidade. Foi objeto de investigação científica, que desde os clássicos, grandes contribuições deixou para a compreensão dos fenômenos comunitários.

Junto com outros processos de relações sociais mais generalizantes, globais, efêmeros, agregativos etc. em nível da cidade ou da sociedade, comunidades continuam sendo portadoras de especificidades marcadas pelos laços que as tornam comunidades.

---

<sup>46</sup> Falamos especificamente de alguns tipos de comunidades virtuais, especialmente aquelas de interesse social ou as acadêmicas, não podendo ser generalizado

<sup>47</sup> Através da lista de discussão <rio-carnaval@egroups.com>

<sup>48</sup> SÁ, Simone Pereira de. O samba em rede – comunidades virtuais e carnaval carioca, p.10.

## Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3<sup>a</sup>.ed. Trad.de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra. 2000. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 1)

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. 2<sup>a</sup>.ed. Trad.de Klauss B.Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra. 2000. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 2)

CUNHA FILHO, Paulo C. Modelos de cidadania digital: hipermídia e democracia na sociedade da informação. **Ícone** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Recife: UFPE, 1999. v.1. p.43-61.

FERNBACK, Jan & THOMPSON, Brad. **Virtual communities: abort, retry, failure?** Paper was presented at the Annual Convention of the International Communication Association, Albuquerque, New Mexico, May 1995. Disponível em <<http://www.well.com/user/hlr/texts/>>. Acesso em: 19.04.2001.

FINQUELIEVICH, Suzana. Comunidades eletrônicas – Nuevos paradigmas de participacion política a nível local? **Comunicación- Estudios Venezolanos de comunicación**. Caracas: Centro Gumilla, Segundo trimestre de 1998. nº 102. p.44-53.

GALINDO CÁCERES, Jesús. **Construcción de una comunidad virtual**. Signo y Pensamiento. Bogotá: Universidad Javeriana, 2000. v.XIX. p.93-102.

LE MOS, André. **Ciber-sociabilidade** - tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Salvador: Ufba, Centro de Estudos e Pesquisa em Cibercultura, [s.d.]. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/text\\_and3.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/text_and3.htm)> Acesso em 09.04.2001.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de Carlos I.da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.

MACHADO, Gláucio. **Os primórdios no estudo do conceito de comunidade**. [s.l.: [s.n.], 1996. Disponível em: <<http://www.terravista.pt/mussulo/2347/evolução.htm>>. Acesso em: 08.04.2001.

MACIVER, R.M. & PAGE, Charles. Comunidade e sociedade como níveis de organização social. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973. v.1, p.117-131

MAFFESOLLI, Michel. **A transfiguração do político**: tribalização do mundo.

Porto Alegre: Sulina, 1997. 286 p.

MERCER, B.E. The american community. New York; R.House,1956. In: FGV. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro, FGV, 1986.

MICHALSK, J. What is a virtual community? (After the media class). **New Perspectives Quartely**, Spring, 1995. v.12, n.2.

MIRES, Fernando. Comunicación: entre la globalización y la glocalización. La sociedad de redes (o las redes de la sociedad). **Chasqui** – Revista Latinoamericana de Comunicación. n.67. CIESPAL, set. 1999. Disponível em: <<http://comunica.org./chasqui/mires67.htm>>. Acesso em:07;03;2001.

NISBET, R.A. **The question of community**. N. York: Oxford Univ. Press, 1953.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum** – comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998. 205 p.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Comunicação nos movimento populares: a participação na construção da cidadania**. 2ª.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

PALÁCIOS, Marcos. O medo do vazio: **comunicação, socialidade e novas tribos**. Salvador: Ufba, [s.d.]. (Texto fornecido, por e-mail, pelo autor em 11 abr 2001). 15 p.

PARSON, Talcott. Las estructuras principales de la comunidad: un punto de vista sociológico. In: FRIEDRICH, Carl J. (org.) **La comunidad**. México: Roble, 19969. p.155-178.

RHEINGOLD, Howard. **Les communautés virtuelles**. Trad.de Lionel Lumbroso. s/l: s/e, 1995. Disponível em <<http://www.well.com.user/hlr/texts>>. Acesso em: 19.04.2001.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community**. 1993. (Versão eletrônica). Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 21.04.2001.

SÁ, Simone Pereira de. **O samba em rede – comunidades virtuais e carnaval carioca**. Paper apresentado no 9º COMPÓS. Porto Alegre: FAMECOS/PUC-RS, 30 de maio a 2 junho de 2000. 23 p. [CDRom 9º COMPÓS]

SILVERSTONE, Roger. Los nuevos medios y la comunidad. **Intersecciones**– comunicación. n.1.Buenos Aires: Fac.de Ciencias da Comunicacion/Univ.Del Centro, abril 2000. p.25-49.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998. 261p

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973. v.1. p.96-116.